

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E78	O essencial da arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (SP): Atena Editora, 2018. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-60-4 DOI 10.22533/at.ed.604182310 1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafra. CDD 720
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Arquitetura é expressão artística que transmite valores, ideias, concepções do período que acontece, tem implicações na sociedade, e por ela é influenciada, e por isso, pode ser apontada como guardiã de uma estrutura cultural. A maneira de ver e pensar a arquitetura é resultado do contexto histórico que se insere. Discutir arquitetura é discutir cultura, arte, sociedade.

A cidade é o lugar de acontecimento da arquitetura, por isso ela está entre as mais públicas expressões artísticas, forma não verbal de expressão coletiva, elemento de ligação, e simultaneamente separação, do privado e do público; a sua concretização, em forma de edificações, compõem as cidades. Através da arquitetura, suas alterações e ressignificações, analisamos a dinâmica da cidade na história. Suplantando essas mudanças, só é possível reconhecer um ambiente, uma paisagem urbana, se nela permanecerem elementos remanescentes de outras épocas. A paisagem urbana, e conseqüentemente sua arquitetura, é o resultado das relações entre o homem e o meio ambiente, é dinâmica, se altera conforme se modificam os usos do espaço.

Esses apontamentos são reflexões que nos permitem a compreensão do contexto em que se implantam as discussões sobre arquitetura, paisagem urbana, preservação, e demais possibilidades atreladas ao assunto. São discussões necessárias para a apreensão do espaço e de que maneira deve-se atuar sobre ele. Quando analisamos nossa realidade, a comparamos com o passado e fazemos previsões para o futuro, podemos perceber onde há necessidade de intervenção. Neste sentido surgem as discussões deste livro, que buscam, através dos mais variados temas nos colocar diante de uma realidade que precisa ser percebida por todos, para que possamos atuar de maneira significativa no contexto que vivemos.

Boa leitura e muitas reflexões!

Prof.^a Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CRIATIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE PROJETO DE ARQUITETURA: ALGUNS ELEMENTOS DE DISCUSSÃO	
<i>Gleice Azambuja Elali</i> <i>Maísa Fernandes Dutra Veloso</i>	
CAPÍTULO 2	15
CASAS SHODHAN E THIAGO DE MELLO: COMPARAÇÃO ENTRE OBRAS DE DOIS MESTRES DA ARQUITETURA MODERNA	
<i>Silvia Lopes Carneiro Leão</i>	
CAPÍTULO 3	34
ANÁLISE DAS DIFERENTES TIPOLOGIAS DO USO NO TIJOLO NA CONSTRUÇÃO DO CONJUNTO ARQUITETÔNICO DA POMPEIA	
<i>Cristiane Leticia Oppermann Thies</i> <i>Clarissa de Oliveira Pereira</i> <i>Fernanda Peron Gaspary</i>	
CAPÍTULO 4	45
ENTRE O DISCURSO E OS ELEMENTOS OBJETIVOS QUE DESCREVEM A FORMA DO MUSEU GUGGENHEIM DE GEHRY	
<i>Luciana Sandrini Rocha</i> <i>Adriane Borda Almeida da Silva</i>	
CAPÍTULO 5	60
MUSEUS COMO FENÔMENO DE MASSAS: ARTE, ARQUITETURA E CIDADE	
<i>Bianca Manzon Lupo</i>	
CAPÍTULO 6	72
O ESTADO-DA-ARTE DE LUGAR: EVOLUÇÃO DE UM CONCEITO	
<i>Lineu Castello</i>	
CAPÍTULO 7	82
EXPERIÊNCIA EM ASSISTÊNCIA TÉCNICA PARA HABITATS DE REFORMA AGRÁRIA: UNIVERSIDADE, ESTADO E MOVIMENTO SOCIAL	
<i>Maria Cândida Teixeira de Cerqueira</i> <i>Amadja Henrique Borges</i> <i>Cecília Marilaine Rego de Medeiros</i>	
CAPÍTULO 8	98
O CORPO E A NARRATIVA DA CIDADE: DOS PRIMOS HOFFMANNIANOS A MARCOVALDO	
<i>Ricardo Luis Silva</i>	

CAPÍTULO 9	111
PAISAGEM URBANA E ANÁLISE MORFOLÓGICA DE ANÁPOLIS A PARTIR DE TRÊS PARQUES PÚBLICOS	
<i>Wilton de Araujo Medeiros</i> <i>Jean Carlos Vieira Santos</i>	
CAPÍTULO 10	128
A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA CIDADE FRENTE AOS GRANDES PROJETOS URBANOS: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO DAS ÁREAS PORTUÁRIAS DE AUCKLAND E PORTO ALEGRE	
<i>César Wagner</i> <i>Lúcia Camargos Melchior</i>	
CAPÍTULO 11	144
RIO PARAIBUNA: PAISAGEM, ESPAÇOS LIVRES E FERRAMENTAS DE ANÁLISE DO TERRITÓRIO	
<i>Lívea Rocha Pereira Penna</i> <i>Antonio Ferreira Colchete Filho</i>	
CAPÍTULO 12	156
PAISAGEM CULTURAL FERROVIÁRIA, PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E ÓRGÃOS DE PRESERVAÇÃO	
<i>Luciana Massami Inoue</i>	
CAPÍTULO 13	173
CIDADE E ESPORTE: PAISAGEM E ESPAÇO PÚBLICO EM CENA	
<i>Karlíane Massari Fonseca</i> <i>Marcelo Ribeiro Tavares</i> <i>Lucia Maria Sá Antunes Costa</i> <i>Antonio Colchete Filho</i>	
CAPÍTULO 14	182
A REPRESENTAÇÃO DAS FAVELAS NO MAPEAMENTO E INFORMAÇÃO DO TURISMO NO RIO DE JANEIRO	
<i>Núbia França de Oliveira Nemezio</i> <i>Fernanda Gomes de Oliveira</i>	
CAPÍTULO 15	197
A MEDIDA DE CENTRALIDADE POR PROXIMIDADE E SUAS RELAÇÕES COM A FORMA URBANA	
<i>Daniel Trindade Paim</i> <i>Ana Paula Neto de Faria</i>	
CAPÍTULO 16	213
AVALIAÇÃO “PORÇÃO NOROESTE” EM RELAÇÃO A OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS NO MUNICÍPIO DE SENADOR CANEDO EM GOIÁS: ESTUDO DE CASO	
<i>Antônio Henrique Capuzzo Martins</i> <i>Beatriz Ribeiro Soares</i> <i>João Dib Filho</i>	

CAPÍTULO 17	223
VAZIOS URBANOS E SEUS NOVOS USOS: REFLEXÕES PARA A FORMA URBANA DE FORTALEZA (CE)	
<i>Emanuel Ramos Cavalcanti</i>	
CAPÍTULO 18	241
URBANISMO SUSTENTÁVEL: HÁ UM CAMINHO BRASILEIRO?	
<i>José Almir Farias Filho</i>	
<i>Denise Barcellos Pinheiro Machado</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	253

A REPRESENTAÇÃO DAS FAVELAS NO MAPEAMENTO E INFORMAÇÃO DO TURISMO NO RIO DE JANEIRO

Núbia França de Oliveira Nemezio

Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Rio de Janeiro – Rio de Janeiro

Fernanda Gomes de Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Rio de Janeiro – Rio de Janeiro

RESUMO: Para Antoine Picon “mapear uma cidade vai além de fazer uma representação da mesma, é dar-lhe sentido” (2010:191). Uma vez que a ausência das favelas nos mapas oficiais é questionada também no seu sentido social (MARICATO,2013) o presente trabalho discute os significados da exclusão nos sistemas de informação, nas representações cartográficas oficiais da cidade e sua relação com a dificuldade de acesso aos direitos urbanísticos. Assim, procura-se investigar os dados produzidos pelo Instituto Pereira Passos (centro de referência de dados sobre o Rio) bem como iniciativas populares de representação e inclusão das favelas nos mapas da cidade. O artigo também buscou estabelecer uma interface entre a representação das favelas nos mapas urbanos e o turismo na cidade do Rio de Janeiro, campo pouco explorado pelas áreas de estudo tanto do turismo quanto do urbanismo. Assim, a subjetividade das representações da cidade

bem como os significados sociais de “estar no mapa” são discutidos aqui através de mapas e guias turísticos da cidade do Rio de Janeiro e a interpretação de seu conteúdo no que diz respeito ao espaço das favelas, porções expressivas da cidade e que têm sido objeto de interesse de turistas de todo o mundo (Freire-Medeiros, 2009). Este trabalho visa contribuir para a discussão em torno da importância e dos significados da visibilidade e representação das favelas nos mapas da cidade e seu sentido social.

PALAVRAS-CHAVE: Favela. Mapas urbanos. Turismo.

ABSTRACT: For Antoine Picon “map a city goes beyond making a representation thereof, to give it meaning” (2010: 191) Once that the absence of slums in official maps is also questioned in its social sense (Maricato, 2013) this paper discusses the meaning of the exclusion in the information systems, the official cartographical representations of the city and its relation to the difficulty of access to urban rights. Thus, we try to investigate the data produced by Pereira Passos Intitution (Information on the city department) and also by popular initiatives about digital inclusion and representation are presented. The article also sought to establish an interface between the representation of slums in urban maps and tourism in the city of

Rio de Janeiro, field not so explored by the study areas both tourism as urbanism. Thus, the subjectivity of city representation as well as the social meanings of “being on the map,” are discussed here through the maps and tour guides of the city of Rio de Janeiro and the interpretation of its content with regard to the space of the favelas, significant portions of the city and have been the subject of interest of tourists from around the world (Freire-Medeiros, 2009). Investigating how the slums are represented by the official promotion agency of the city’s tourism, recent projects of the City Hall and the popular initiatives mapping and information, this work aims to contribute to the discussion about the importance and meaning of visibility and representation of favelas the maps of the city and its social meaning.

KEYWORDS: Slum. City maps. Tourism.

1 | INTRODUÇÃO

Mapear uma cidade vai além de fazer uma representação da mesma, é dar-lhe sentido. O mapa de uma cidade não é uma representação do que ela é, mas, de maneira implícita ou não, é a representação do que é importante para quem a produz, do que deve ser mantido, do que deve ser transformado na cidade e ainda, de que maneira esta transformação deve ocorrer (PICON, 2010:191, tradução do autor).

Como definiu Picon (2010:191) os mapas urbanos dão sentido à cidade que se vê pelo filtro de seu autor, e demonstra àquelas características que lhes são importantes em detrimento de outras. Essa subjetividade nas representações das cidades será discutida neste trabalho sob o ponto de vista de suas implicações sociais e culturais. Tem como estudo de caso os mapeamentos da cidade do Rio de Janeiro, que muitas vezes omitem determinadas porções da cidade, como no caso das favelas.

Este trabalho tem origem na união de duas pesquisas distintas, cada uma com ênfase na formação de suas autoras: o urbano e o turismo. A ausência das favelas sentida tantos nos mapas de intenção turística (mesmo com o crescente interesse pelo turismo desse tipo) como daqueles de representação oficial da cidade suscitou algumas questões: desde a possível falta de informação sobre esses locais à ação intencional de “esconder” as contradições e a diversidade da cidade.

Diante do exposto objetiva-se, num primeiro momento, discutir os significados dessa ausência nas representações cartográficas, dentro e fora do âmbito turístico. Num segundo momento, apresenta-se uma pesquisa sobre os avanços na representação dos mapas das favelas na cidade, dentro das duas disciplinas e discute-se como a motivação do turismo em favelas, bem como outros contextos de mercado tem motivado o aprimoramento das informações sobre esses locais, bem como sua difusão.

Foram levantadas as iniciativas de mapeamento e informação de favelas realizadas pela Prefeitura do Rio de Janeiro, através do Instituto Pereira Passos, bem como as iniciativas populares que propõem a inclusão desses territórios em cartografia. Por fim, são analisados os mapas e guias turísticos atuais fornecidos nos principais

centros de atendimento ao turista da cidade, bem como a página digital oficial do Rio de Janeiro no Brasil e no exterior, o visit.rio, no intuito de verificar em que medida o turismo contribui para geração de informações e para a melhoria da representação das favelas, procurando discutir a dicotomia entre os benefícios que atividade pode oferecer às comunidades e, por outro lado, a intensificação das diferenças.

2 | A DISTINÇÃO FAVELA-CIDADE NOS MAPAS URBANOS

A ausência das favelas na representação dos mapas da cidade do Rio de Janeiro há muito é questionada e analisada sob os diferentes aspectos: sociais, técnicos e políticos. Como afirma Maricato (2013:152), os esforços para perceber as favelas como parte integrante da cidade, ainda são ignorados pelo urbanismo oficial e pela sociedade brasileira. A ausência da gigantesca ocupação ilegal do solo urbano ignorada na representação da cidade oficial representa o comprometimento do urbanismo brasileiro com uma ordem que diz respeito a apenas uma parte da cidade, reafirmando e reproduzindo desigualdades e privilégios.

Na visão da autora, para a cidade ilegal não há planos nem ordem, não sendo conhecida em suas características e dimensões, uma ilegalidade funcional do ponto de vista das políticas arcaicas, do mercado imobiliário especulativo e para a própria flexibilidade da lei. Não cabendo nas categorias do planejamento modernista/funcionalista e ao mesmo tempo, no contexto do mercado imobiliário formal, que corresponde ao urbanismo moderno: “Esses espaços urbanos não cabem sequer, rigorosamente, nos procedimentos elaborados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, a maior agência de pesquisas de dados do país” (Maricato 2013:122).

E, por incrível que pareça, os órgãos municipais de aprovação de projetos, as equipes de urbanistas dos governos municipais e o próprio controle urbanístico (serviço público de emissão de alvarás e habite-se de construções), frequentemente desconhecem esse universo. Mesmo nas representações cartográficas é de hábito sua ausência (MARICATO, 2013:122).

Segundo Valladares (2005), a diferenciação entre o espaço formal-informal da cidade resulta na interpretação da favela como uma unidade, que ignora sua relação intencional com a cidade em que se insere e ainda sua própria diversidade e heterogeneidade. A autora explica que a visão simplista da favela como “locus da pobreza”, faz dela campo de estudo para todos os fenômenos ligados a essa condição: violência, saúde, religião, entre tantos outros, ocorrendo uma associação físico-territorial diretamente relacionada ao seu tecido social, afirmando uma “unidade da favela” no campo político ou na análise científica, construindo um campo aberto para que esta unidade justifique uma série de ausências e especificidades de ações por parte do governo.

A favela da Maré, por exemplo, mesmo depois de ser reconhecida como bairro em 1994 a partir do rearranjo dos limites dos bairros de Olaria, Bonsucesso, Ramos e

Manguinhos ainda convive com os reflexos dessa dicotomia. Na prática, os moradores ainda não possuem acesso aos mesmos serviços e direitos dos bairros vizinhos e parte dessa depreciação passa pelo não reconhecimento de sua realidade física e social bastante diversa dentre suas 17 comunidades integrantes:

A Maré foi reconhecida oficialmente como bairro desde aquela década. O fato não significou grande coisa, pois os moradores locais e do conjunto da cidade continuaram a perceber o território como favela. De qualquer forma, foi inegável o investimento seletivo feito pelo poder estatal na região, expresso na construção de equipamentos educacionais, de saúde e esportivos. O mesmo, infelizmente, não pode ser dito na área de segurança pública, pois os moradores ainda não são reconhecidos como sujeito de direitos nesse campo. Do mesmo modo, o mesmo não pode ser dito sobre a qualidade desses serviços, marcados pela precariedade dos materiais e de sua manutenção (Guia de Ruas Maré 2014, 2014, p.10).

Em busca de seu reconhecimento, foi realizado o primeiro *Censo Maré* em 2014 por iniciativa da instituição Redes da Maré e do Observatório de Favelas com o apoio das associações de moradores do bairro e algumas organizações (Fundação Ford, Instituto Pereira Passos e Action Aid). O Censo teve como objetivo fazer um diagnóstico da realidade social, econômica e cultural do bairro, entendendo a origem geográfica dos moradores, a composição familiar, formação étnica, condições de habitação, saúde, identificar práticas religiosas, situações de violência, organização social do território, entre outros dados.

O que se destaca aqui é que este reconhecimento passa também pela necessidade de incluir um território há muito oficializado na cartografia oficial. Por isso, o projeto realizou um levantamento de todas as ruas do bairro com nome e localização, uma atualização da base cartográfica do bairro feita por um profissional de cartografia com o objetivo de oficializar todas as ruas da Maré. A sistematização dos dados foi entregue ao IPP para que fosse incluído na cartografia oficial da cidade.

Este trabalho originou o Guia de Ruas Maré 2014, onde estão listados os nomes dos logradouros e seu Código de Endereçamento Postal.

Os autores do projeto acreditam que este instrumento facilitará a reivindicação junto à prefeitura da formalização das ruas que ainda não possuem endereçamento postal e de maneira geral, fortalecer os processos de reconhecimento do território, sua cultura, suas demandas e pluralidades junto à cidade em que se insere. As pessoas que residem em logradouros sem nome, mesmo em áreas reconhecidas juridicamente pela municipalidade não tem sequer endereço e por isso têm dificuldades de obter acesso aos serviços públicos (como o recebimento de correspondências) e de manutenção dos mesmos.



Figura 1 – Mapa da favela da Maré.

Fonte: Guia de Ruas Maré 2014, 2014, p. 115.

O Guia apresenta uma importante reflexão sobre o significado social de “estar no mapa”, e sobre a existência de um “perverso senso comum que reduz as favelas à condição de territórios precários, ilegais, inacabados, desordenados e inseguros: o avesso da cidade” (VALLADARES, 2005). Os autores do guia entendem que, não fazendo parte da cartografia ficam ignoradas as desigualdades sociais da “cidade maravilhosa”, dificultando o reconhecimento de seus direitos, levando ao desconhecimento e sobre seus modos de vida.

Aparecer no mapa é significar a existência de um lugar habitado por pessoas e suas vidas. É grafar (marcar) o solo em que vivemos. É, portanto, ver onde estamos e onde estão outras pessoas, ruas, praças, rodovias, hospitais, fábricas, portos, rios, montanhas [...] e mais tanta coisa do mundo que se faz aparecer nas artes de cartografar: de fazer presente o que é próximo e o que está distante. Portanto, o cartografado é o escrito, ou melhor, é o tornado visível. O ofício do cartógrafo é fazer uma escrita do espaço habitado e, com sua arte de figuração, fazer o desconhecido ser conhecido e, sobretudo, reconhecido com integrante do mundo da vida (Guia de Ruas Maré 2014, 2014, p.13).

O documentário *Todo mapa tem um discurso* da Rede Jovem do Rio de Janeiro apresenta outras experiências dessa natureza que discutem na visão de moradores, pesquisadores e colaboradores locais os significados da exclusão das favelas nas cidades nos sistemas de informação, nas representações cartográficas oficiais da cidade e no acesso a uma série de serviços em comparação com outros bairros e locais da cidade. O filme mostra depoimentos pessoais de moradores do Complexo do Alemão, Maré, Rocinha, Cidade de Deus, Santa Marta, Morro Agudo e Complexo da Penha no Rio de Janeiro e Capão Redondo em São Paulo. Michel da Silva, jornalista

comunitário e morador da rocinha também questiona:

Aqui na Rocinha tem outro caso, na Rocinha a gente é considerado um bairro desde 1993, só que quando você olha no Google não tem nenhuma rua, no caso registrada, só aquelas ruas lá da entrada. Não tem a rua, a rua do Laboriaux, não tem a rua da Caxopa, são ruas tradicionais que todo mundo conhece. A Rocinha é conhecida internacionalmente e não tem nada no Google? (SILVA, informação verbal. Todo Mapa tem um discurso, 2014).

O filme cita ainda o fato de que as favelas teriam sido removidas do aplicativo Google Maps no mapa digital da cidade. Em abril de 2013, o *site* do Comitê popular Rio denunciou a remoção virtual do nome das favelas, que teria ocorrido a pedido da prefeitura. O Comitê entendeu que a atitude se tratava de uma tentativa de “invisibilizar a pobreza e os pobres, tanto em ambientes virtuais como na realidade, com as remoções forçadas”. Segundo a notícia, a palavra “favela” foi praticamente excluída do mapa e substituída por “morro” sendo retiradas as legendas de algumas comunidades.

No mesmo mês, o jornal O Estadão (em 8 de abril de 2013) publicou sobre a supressão do termo “favela” do mapa digital e divulgou tratar-se de um pedido da Prefeitura do Rio por meio da Riotur. O jornal citou ainda uma polêmica ocorrida em 2009, quando foi solicitada oficialmente ao Google a inclusão de pontos turísticos e a diferenciação de favelas e bairros. O Comitê Popular publicou uma imagem do Google mostrando a comparação na região do Rio Comprido em 2011 e 2013, já sem informações no mapa, como se pode ver nas imagens a seguir:



Figura 2 - Mapa da Região do Rio Comprido em 2011 e 2013, já sem a denominação das favelas da área.

Fonte: O Estadão, 2013.

A ausência do reconhecimento das favelas no âmbito da cartografia oficial como no mapeamento de aplicativos e sites de grande visitação como o Google Earth podem revelar, por um lado, o desejo de não demonstrar e encarar as desigualdades sociais em nossas cidades, por outro, é sabido que o fortalecimento da visão do exótico, da pobreza, do “diferente”, tem fortalecido ainda mais a relação desses espaços com a economia de mercado, entre outros fatores, a descoberta da favela pelo turismo profissional é um sinal da integração desses espaços à modernidade como explica Valladares:

A rocinha é visitada por cerca de 2 mil turistas/mês. (...). As iniciativas [comerciais] se multiplicam e a lista poderia se estender bastante. O fato é que as favelas não podem ser reduzidas, simplesmente, ao habitat da população pobre do Rio de Janeiro. Tornaram-se também um grande mercado, sendo para alguns dos seus atores sociais, sinônimo de “negócio”. O solo e as moradias estão entre os primeiros bens que dão lugar ao forte desenvolvimento de uma atividade de produção e comércio. (2005:156).

3 | O TURISMO E A REPRESENTAÇÃO DAS FAVELAS CARIOCAS

Segundo estudos de Freire-Medeiros (2009), o turismo em favelas no Rio de Janeiro tem início a partir da Eco-92. Este desenvolvimento acontece primeiramente na Rocinha e, posteriormente, vai se expandindo para outras favelas cariocas. O fenômeno está atrelado ao crescimento da popularidade dos chamados *reality tours*¹ e do consumo, em nível global, da favela como uma marca que “condensa predicados contraditórios” (Freire-Medeiros, 2007:64).

A popularização da “favela turística”, desde a década de 1990, provocou e provoca diversos debates sobre a comercialização destes espaços: se por um lado questiona-se a ética da pobreza como mercadoria, por outro lado, o turismo pode gerar renda às comunidades.

Esta questão também suscita um outro debate importante: quem protagoniza o processo de venda e consumo da favela como destino turístico. Há bastante crítica em relação aos agentes externos, os quais não possuem relação com o espaço. Em contrapartida, o turismo em favelas pode ser considerado um vetor de desenvolvimento local e gerar benefícios financeiros quando detentor da própria comunidade.

Existe um interesse claro pela visitação, por parte dos turistas, do “outro” Rio de Janeiro, além do centro e da zona sul da cidade, e dos tradicionais cartões postais como o Morros Corcovado e Pão de Açúcar. A favela, neste sentido, representa o contraste em relação aos locais tradicionalmente turísticos da cidade. Contudo, apesar do crescimento do turismo nas favelas, a ausência de sua representação também é sentida nos mapas dessa orientação, como pode-se observar no exemplo que segue.

1. Segundo Freire-Medeiros (2006), termo em inglês que representa a experiência do autêntico, do exótico e do risco em um único lugar.

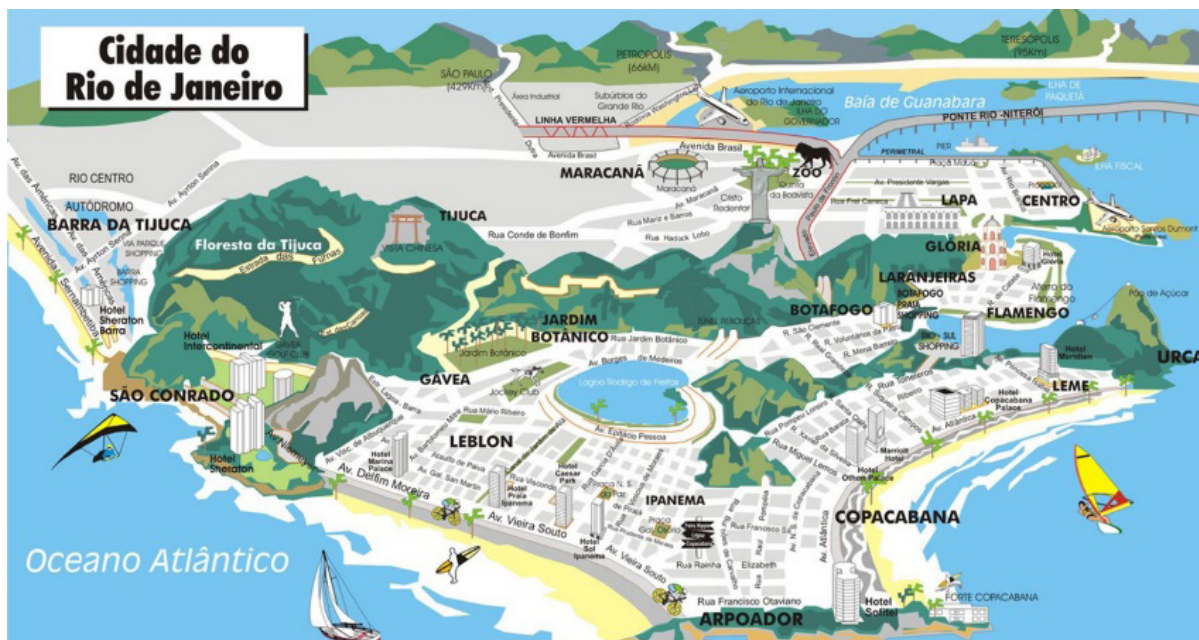


Figura 3 - Mapa Turístico da cidade do Rio de Janeiro.

Fonte: <http://mapasblog.blogspot.com.br>, 2015.

No mapa turístico oficial de 2016 da Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro (RIOTUR), as favelas são representadas por grandes áreas verdes nomeadas por “morros” (mesmo quando planas). O mapa destaca áreas do centro, zona sul e parte da zona norte da cidade, onde se encontra o estádio do Maracanã. De maneira geral, o mapa sinaliza atrativos históricos, culturais e de lazer, como, por exemplo, museus, centros culturais, igrejas e praias. Os únicos atrativos das favelas sinalizados são os mirantes, como o mirante Dona Marta, localizado na favela Santa Marta. Os mirantes seriam os locais de maior interesse turístico, ao menos os mais enaltecidos pelas propagandas dos *tours* em favelas, por suas vistas privilegiadas da cidade.



Figura 4 – Mapa turístico oficial da Cidade do Rio de Janeiro.

Fonte: Riotur, 2016.

No material de divulgação impresso da Riotur, ou seja, na revista Guia do Rio, as favelas aparecem em um apartado específico, os “Tours Especiais”. Nesta parte, são divulgados passeios de agências de viagens externas, e aqueles desenvolvidos pelas comunidades. Em algumas edições do guia, a favela como atrativo ganha

destaque especial, como a Edição de novembro de 2015, que traz uma reportagem sobre trilhas na favela da Babilônia no apartado “Não deixe de ver”.

Já na página oficial da internet da Riotur, as favelas aparecem na seção de atrativos turísticos “O que fazer”, na parte determinada “Ao ar livre”, destacando informações de algumas trilhas e da estátua do artista Michael Jackson em Santa Marta. É importante pontuar que as favelas não são mencionadas na parte “Cultura e Arte”. No apartado “Rio Especial”, onde são enaltecidos aspectos da cultura da cidade como o samba, a feijoada e os blocos de rua, as favelas aparecem como coadjuvantes quando são citados os bailes funk, já que são divulgados bailes itinerantes e voltados para o público de classe média e alta como o Baile da Favorita e a festa Eu Amo Baile Funk. As favelas também não são mencionadas no “Rio Imperdível” onde aparecem locais tradicionais do turismo carioca como Corcovado, Pão de Açúcar, Jardim Botânico e Maracanã.

De maneira específica para o turismo em favelas, a Riotur juntamente com o Sebrae, desenvolveu o Guia de Bolso das Favelas – Rio, onde apresentam as comunidades da cidade como uma opção turística fora dos aspectos comumente procurados pelos turistas:

Constantemente associado às praias de areias claras, o Cristo Redentor ou o Pão de Açúcar, o Rio mostra que tem muito mais para oferecer. Entre montanhas e o mar, este belo casamento único do Rio, podemos ver as comunidades: grandes aglomerados de casas feitas de tijolos e pessoas. (Guia de Bolso das Favelas – Rio, 4)

O Guia apresenta onze comunidades e ainda o complexo da tijuca. No geral, os temas abordados para todas as comunidades são: guias e condutores; o que ver; o que comer; onde se hospedar; os eventos e atividades de cada comunidade. Estes últimos apresentados por um mapa onde aparecem também os pontos de visitação, numerados e listados. O mapa de cada favela acompanha um QR Code, que encaminha o usuário para mais informações em ambiente virtual.



Figuras 5– Imagens da Favela Babilônia – Chapéu Mangueira.

Fonte: Guia de Bolso de Favelas Rio, 2014., p. 07 e 08.

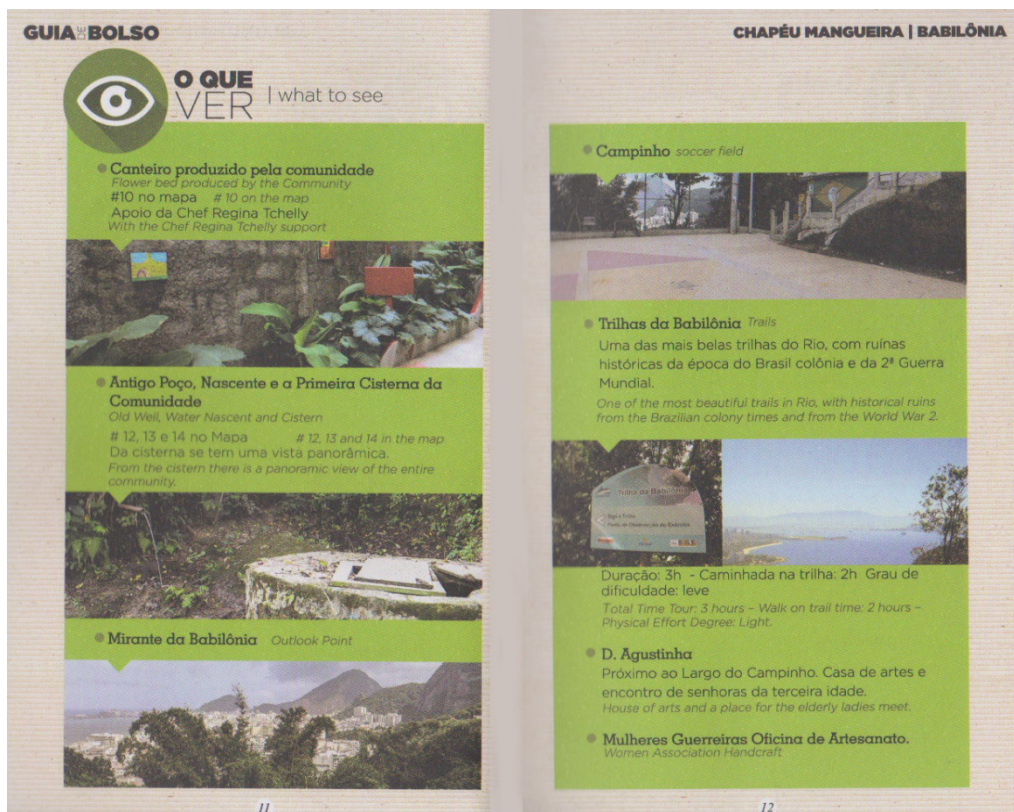


Figura 6 – Pontos turísticos da Favela da Babilônia – Chapéu Mangueira.

Fonte: Guia de Bolso de Favelas Rio, 2014, p. 11 e 12.

Acredita-se que o crescimento do turismo em favelas cariocas nos últimos anos, assim como a busca pela localização e mapeamento de seus pontos de interesse, em certa medida, contribui para a representação desses espaços da cidade. Nesse caso, a atividade turística pode colaborar com a geração de informações. A criação do Guia de Bolso das comunidades reforça um interesse por parte da Riotur em divulgar as favelas.

No entanto, nota-se que no site da instituição, quando mencionados todos os atrativos turísticos da cidade, as favelas são, em certa medida, preteridas. Em linhas gerais, as favelas ainda são comercializadas a partir de uma referência ao exótico, “diferente”, reforçando, ainda, a polarização asfalto e favela, formalidade e informalidade.

Como incluir e como validar essas informações que são obtidas através de mapeamento colaborativo nas informações oficiais? Tem uma preocupação muito grande. Daqui a pouco a cartografia feita pelas pessoas vai estar muito mais atualizada que a cartografia dos órgãos públicos, porque é assim mesmo, as pessoas têm esse poder na mão agora de ter um smartphone com GPS e sair mapeando a sua própria realidade (Eduardo Freitas engenheiro cartógrafo na MundoGeo. Informação verbal. Todo Mapa tem um discurso, 2014).

4 | AVANÇOS NO MAPEAMENTO DAS FAVELAS CARIOCAS

É interessante apresentar que existem iniciativas populares e oficiais de mapeamento e informação de favelas em curso na cidade. Alguns dos exemplos

pesquisados procuram reunir os dados de maneira colaborativa, com a participação direta dos cidadãos. No Rio, o centro de referência de dados e conhecimento da cidade é o Instituto Pereira Passos (IPP), que atualmente assume as atividades de planejamento urbano, produção cartográfica e estatística da cidade.

O Catálogo de Programas de Inclusão da Prefeitura do IPP apresenta os programas, projetos e ações implementados pela Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, com o objetivo de ampliar a inclusão social, política, econômica e cultural principalmente das parcelas mais vulneráveis da cidade.

O Mapa participativo da cidade do Rio de Janeiro é um aplicativo desenvolvido pela própria Diretoria de Informações da Cidade (DIC) do IPP, que possibilita aos cidadãos em geral informar a localização de estabelecimentos, equipamentos urbanos e rádios comunitárias. O usuário encontra no mapa digital o local onde deseja incluir um equipamento e descreve algumas informações básicas como endereço, o horário de funcionamento.

Com o objetivo de ampliar a participação das favelas no Mapa Participativo da cidade, o IPP iniciou um trabalho que abrange inicialmente as chamadas “favelas pacificadas” e iniciou este processo em agosto de 2014 em Manguinhos (por iniciativa de seu Conselho Comunitário) com a expectativa de incluir todas as favelas pacificadas até 2016.

No entanto, nas áreas delimitadas como favela, os logradouros e lotes não aparecem delimitados com a mesma qualidade como em outras áreas da cidade e têm assinaladas apenas algumas das ruas principais de seu interior. Não foi possível encontrar atualmente nenhum equipamento assinalado dentro das delimitações das favelas, mas apenas no seu entorno imediato, como se pode observar na imagem a seguir que apresenta em rosa as favelas da Babilônia e Chapéu Mangueira.



Figura 7 - Mapa participativo da Cidade do Rio de Janeiro. Em destaque as favelas da Babilônia e Chapéu Mangueira, zona sul do Rio de Janeiro.

Fonte: <http://www.arcgis.com/home/item.html?id=64b54cbc5a76401d977f14ecc863fa31>, 2016.

Outro projeto do IPP é o Mapeamento de logradouros de Favelas, em parceria com o Rio+Social. Iniciado em 2012, tem como objetivo mapear e incluir os logradouros das favelas na cartografia oficial da cidade. Através do georreferenciamento dos logradouros, estes passam a ser incluídos nas bases de pesquisa da prefeitura através do portal de informação Armazém de Dados, desenvolvido igualmente pelo IPP. Para o Instituto esse trabalho é uma iniciativa importante não somente para a gestão da informação desses espaços e para o planejamento de novas políticas públicas, mas também como instrumento de reconhecimento de seus moradores como parte integrante da cidade.

Fora do âmbito oficial, existem outras iniciativas de reconhecimento desses espaços como a do grupo AfroReggae que em parceria com o *Google* criou uma plataforma social denominada *Tá no Mapa*. Seu objetivo é mapear as favelas que não aparecem assinaladas no *Google Maps* ampliando o acesso às funções da cidade para os moradores.

Mais do que inserir as comunidades no mundo digital e nos mapas oficiais da cidade, queremos promover a cidadania, o crescimento do mercado local e o acesso a serviços públicos. Parada de Lucas, Caju, Vidigal, Rocinha e Vigário Geral já foram mapeadas. Babilônia, Cantagalo, Chapéu Mangueira, Pavão-Pavãozinho, Santa Marta, Tabajaras e Cabritos estão sendo mapeadas. Mas esse é só o começo. A ideia é levar o Tá no Mapa para todas as regiões em que o AfroReggae tem sede e, até mesmo, para outras cidades. (tanomapa.org, 2014)

Uma outra ação é a plataforma colaborativa *Wikimapa*. A Geógrafa e diretora executiva Natália Aiserngart Santos explica que o projeto consiste num mapa colaborativo de pontos de interesse público em áreas marginalizadas. Idealizado pela Rede Jovem, o projeto iniciou-se em 2009 e envolveu cinco comunidades cariocas chegando até São Paulo, no Capão Redondo. Segundo os idealizadores do projeto, um dos objetivos era criar outros mapas para além dos mapas da violência e da criminalidade, aspectos frequentemente analisados na periferia e favelas das cidades (VALLADARES, 2005). Segundo Natália Santos, a intenção era produzir inclusão social através do mapa: “A ideia não é fazer um mapa da favela, mas inserir a favela no mapa”.

5 | CONSIDERAÇÕES

A ausência das favelas nos mapas de interesse urbanístico, como nos casos da Maré e Rocinha que estão fora da cartografia oficial mesmo tendo seus territórios oficializados, explica em parte a invisibilização desses territórios, o desconhecimento de suas realidades, cultura e modo de vida. Afinal, a inclusão de espaços culturais como o próprio Museu da Maré, dependem de sua oficialização cartográfica.

Pode-se dizer que as representações das favelas para finalidade turística aparecem como uma forma de progresso inicial no que diz respeito à oficialização da existência e importância de certos espaços para a cidade, porém ficou clara a distinção

desses espaços, que aparecem em material específico, trazendo a ideia de um outro” Rio de Janeiro, já que nos mapas de cunho geral, elas não aparecem assinaladas, ou tem sido paulatinamente apagadas, como nos aplicativos do *Google Maps*.

Por outro lado, existem claros avanços em relação à geração de informações e novos mapeamentos desses espaços através de iniciativas que tem como mérito recorrer às comunidades para gerar informações e construir seus dados. Uma vez que elas são capazes de apontar detalhes específicos do território e reconhecer àqueles que são representativos para a cultura e história local, esses mapas podem ir além do simples levantamento de seu ambiente construído, dando a ele novos significados e interpretações.

No Guia de Bolso de Favelas, por exemplo, aparecem informações como o mapeamento e localização de pontos como a caixa d’água e hortas comunitárias. Espaços dentro da favela de interesse e uso local, que falam dos pontos de encontro ou contam a história do início da ocupação na região, aspectos que podem não ser valorizados por um olhar externo.

Outra questão interessante percebida no Guia é que as informações adicionais a serem vistas via QR Code, leva o usuário a um mapa do Google Maps distinto da plataforma oficial, com uma riqueza de dados bastante superior ao Maps tradicional no que diz respeito às áreas informais. Assim, o turista que tem acesso ao Guia, possui uma quantidade/qualidade superior de informações em relação àquele sem acesso a esse material específico, ou seja, pelos meios usuais de pesquisa e referência. Pode-se concluir que as informações sobre esses territórios têm crescido principalmente em formato virtual e muitas vezes demoram a chegar ou não existem nas mídias impressas.

Assim, apesar do Guia representar um claro avanço em termos de mapeamento, a representação das favelas ainda assim é incipiente, pois limita-se ao âmbito do turismo. A iniciativa beneficia a atividade turística em favelas, no sentido de ampliar o reconhecimento e auxílio do visitante nesses espaços, mas em certa medida, essa especificidade da informação que representa um segmento de mercado do turismo reforça o sentido de exótico, de “diferente”.

É importante ressaltar, no entanto, que a presença do turismo nestes espaços, quando nas mãos da própria comunidade, na interação turista-morador, poderia representar um auxílio à reafirmação de sua cultura e resistência sob diferentes olhares, como coloca Freire-Medeiros:

As “zonas de contato” são “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação”, de onde paradoxalmente emergem possibilidades outras de representação de si e do outro. Pensar a favela que o turismo inventa como uma zona de contato permite-nos entendê-la como território físico e simbólico no qual camadas discursivas se acomodam em múltiplas representações: representações sobre a favela e seus habitantes formuladas pelos turistas, representações dos turistas formuladas pelos moradores, representações da favela formuladas pelos moradores para os turistas – numa espiral contínua de representações (Freire-Medeiros, 2007, 69).

Nesse sentido, fica clara a importância das iniciativas recentes da representação da favela nos mapas urbanos de interesse turístico não somente como forma reconhecimento destes espaços como territórios pertencentes à cidade, mas também como instrumento de transformação da memória coletiva de seus moradores, de dentro e fora das favelas, ressaltando a sensação de pertencimento e desfazendo os ideais de favela como unidades de pobreza.

Eu acho que quando o morador ele conta a sua história, ele passa a se reconhecer enquanto morador dessa região e passa a valorizar sua identidade e quando quem vem de fora vê e escuta, também passa a ter um novo olhar para a região, passa a ter um olhar mais manso, não um olhar de discriminação. (João Batista, morador da Maré. Informação verbal. Documentário Todo Mapa tem um discurso, 2014)

REFERÊNCIAS

Freire-Medeiros, Bianca. **Gringo na laje: produção, circulação e consumo na favela turística**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

_____. **A favela que se vê e se vende: Reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 22, nº 65, 2007.

_____. **A construção da favela carioca como destino turístico**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro (RIOTUR). **Revista Guia do Rio**. Rio de Janeiro, Edição 29, 2015.

_____. **Guia de Bolso das Favelas**. Rio de Janeiro, 2014. Visit Rio. www.visit.rio. Acesso em 29/05/2016.

MARICATO, Ermínia. **As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias**. in ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único. Petrópolis: Vozes, 2013.

PICON, Antoine. **Digital Culture in Architecture, an introduction for design professions**. Basel: BIRKHAUSER, 2010.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Instituto Pereira Passos. **Catálogo de Programas de Inclusão**. Rio de Janeiro, 2012.

Todo mapa tem um discurso. Realização do Programa Rede Jovem. Direção Francine Albernaz e Thaís Inácio. Rio de Janeiro, 2014.

VALADARES, Lícia do Prado. **A Invenção da Favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-60-4

